

NUMA VARANDA, EM JACAREÍPE

Danilo Gomes

Agora estou aqui, nesta pequena vila que alguém batizou Jacareípe — não sei quem, quando, nem por quê. Agora não importa. Talvez outro dia.

Ouçõ apenas o marulho. Não sei se é um marulho forte, fraco ou médio: só venho à praia de vez em quando, para descansar, ler e beber; não sei nadar e acho que nunca vou aprender, uma vez quase morri afogado numa piscina, quando tinha doze anos e nunca mais, bem, mas isso também não importa.

Meu nome é Laureano. Estou aqui fugindo da cidade, do barulho, de lugares cheios de recordação, da rotina, da gravata, dos telefones e dos relógios que sempre lembram um compromisso incômodo. Não posso dizer que esteja fugindo de mim mesmo, é claro — trouxe todas as intempéries de dentro de mim mesmo, todos os meus fantasmas, antigos e novos. Talvez, no fundo, com essas pequenas viagens, queira realmente fugir de mim mesmo, por algum tempo. Sou um sujeito muito amargo. Às vezes me figuro como um cais castigado pela água e pelo tempo, cemitério marinho habitado apenas por conchas e um grande silêncio. Mas isso também não importa: meus segredos ficam comigo, meus pensamentos eu os amarro com estes primeiros cabelos brancos que vi ontem no espelho, minhas confidências talvez numa noite chuvosa alguma mulher paciente as queira ouvir, numa sala densa de silenciosa penumbra: uma mulher discreta que na hora estivesse usando uma blusa de lã vermelha, com a bolsa branca em cima da poltrona pequena, e que nem por um segundo se entediasse — uma mulher que realmente me amasse.

Mas o que importa agora é que estou aqui. Sou apenas um homem na praia de Jacareípe. Daqui não posso ver o mar — ouço apenas o seu bater na praia.

Sei que ele está lá, esse Atlântico antigo de galeões espanhóis e de corsários a serviço da Rainha. Gosto de aventuras. Vivo lendo esses livros: piratas, exploradores de continentes, façanhas em fronteiras tártaras, expressos do Oriente, espíãs de Estambul, minas do Rei Salomão, safáris na África, viagens de Marco Polo, Expedição dos Martírios, peregrinações de Fernão Mendes Pinto, mares do Sul, Amundsen no Pólo, discos voadores, deuses-astronautas, planetas de outros sistemas, noites marcianas, essas coisas — sou um leitor inveterado desse tipo de livros. Talvez tudo isso seja uma fuga, um descarregar de ansiedades, uma espécie de catarse. Talvez. Agora não quero explicações, agora só quero essa brisa e esse silêncio de varanda.

Lá está o mar, poucos passos adiante de mim. Ao longe, certamente, navios onde se janta à luz de velas, que eu gostaria amarelas (mas a quem aproveita saber se gosto de velas amarelas ou de rosas amarelas ou da mulher de olhos de topázio?).

Estou fumando. É um cachimbo gasto, mas gostoso como um pijama velho ou como os chinelos que conhecem de cor todos os caminhos da casa quando abrigo.

Eu mesmo fiz o café dessa garrafa térmica: estou sozinho nesta casa, aluguei-a para este Carnaval. Vim descansar, esquecer gravatas e relatórios.

Lá está o mar dos peixes inumeráveis como estrelas, lá está o mar, aprisco de afogados. A minha frente, com seu marulho, está esse mar doce aos olhos, roteiro de fugas, estaleiro de âncoras sempre se levantando para novas partidas — mar das grandes aventuras, mar de Cook, Drake e Ponce de León.

Estou na varanda. Vou até botar um título nesta conversa besta: «Numa Varanda, em Jacareípe». Tenho tempo, papel e tinta: posso escrever uma porção de tolices.

Dia e noite, um vento úmido e brando avança do mar, entra pelas casas, penetra esta vila sossegada. É confortante sentir essa brisa, estar no bojo deste raro silêncio de mosteiro. Fico imaginando coisas, já disse que sou um devorador de livros de aventura

(engraçado, como a gente pode ser introspectivo e amargo e ter, por outro lado, a volúpia das grandes distâncias e das aventuras mais excitantes — ou uma coisa não será consequência da outra?) Agora, por exemplo, estou imaginando índios do tempo de Anchieta arremessando-se selvagememente da praia, com tochas e lanças, me aprisionando, me matando ou me deixando cativo até que, depois de muitos anos e casado com uma certa Bartira, ou que outro nome tenha, me torne um respeitável meio-índio, meio-branco, voz poderosa no Conselho da tribo... Sou mesmo um imaginativo, como dizia meu pai, que era um homem muito prático e não leria nunca o livro que estou acabando de ler: «Os Discos Voadores Existem!»

Entardeceu depressa. As duas grandes árvores, em frente, recortam-se contra o céu azul — acinzentado. Serão seis horas, seis e pouco ou dez para as seis — pouco importa o tempo aqui, agora. Faço questão de não usar o relógio de pulso. Poderia imaginar agora anos-luz, asteróides, naves espaciais, relatividade do tempo, distâncias galáxicas. Vim para cá descansar, não quero saber de relógios. Sou agora apenas um homem na praia de Jacareípe, escrevendo tolices numa varanda.

Penso no trenzinho que usam aqui para levar os poucos turistas a passeio. Vejo-o sempre passar ao longo da praia, apitar e desaparecer. Gosto de seu apito, é um apito alegre, me lembra os trens da minha meninice, viagens, aventuras, lugares estranhos — lá venho eu novamente com essa conversa de viagens, de aventuras! Um dia tomo um navio e parto por cinco anos! Por dez anos!

Poderia ir ao centro da vila, entrar no «Beliscão» ou no «Jaú» e tomar duas cervejas e duas batidas de limão, como fiz ontem à noite, e voltar pelo mesmo caminho de terra: esta ruela à minha frente. Mas, não. Ficarei aqui nesta varanda. Quero solidão e silêncio, uma solidão de jazigo, um silêncio de Himalaia. E acabar de ler o livro. Amanhã tomo a Calsberg que eles vendem lá, como lagosta, ouço rádio. Hoje, não.

Agora as duas árvores assumem a mesma cor do céu. Anoi-teceu para valer. Fiquei escrevendo e pensando, perdi a noção do tempo. Certamente, umas nove horas. O vento penetra o

corpo, a alma e a casa, é um vento já frio, misturado à brisa, vento e brisa para navegantes.

O marulhar descansa os ouvidos da orquestra mecânica das buzinas e dos motores sobre o asfalto. Os poucos turistas que estão na vila devem ter ido beber e pular no «Beliscão» ou no «Jaú». O silêncio em torno de mim é total — ninguém por aqui, estou insulado, como queria. Pensar em ilhas com albatrozes... As árvores estão negras como o céu. Algumas estrelas. Um cão late. Marulho. Grilos. Vejo o negrume em derredor. Desligado, sozinho: sou apenas um homem na varanda, tentando esquecer fantasmas, fumando e escrevendo besteiras sob essa luz fraca. A vida é este silêncio, este marulho, essas árvores em frente, este vento frio, este momento pacificado, próprio para ovelhas ao pé dos montes, numa freguesia do Minho, em 1894. Estou imerso numa espécie de nirvana, incapaz de escrever uma boa estória, logo eu, um imaginativo! Sou apenas um homem na noite de Jacarépe e isto é que agora realmente importa.

Talvez ainda invente uma estória, antes da meia noite, quando pretendo ler as últimas páginas de «Os Discos Voadores Existem!», e dormir — nunca durmo mesmo antes das duas!

Mas o que é isto? Que ruído é este? É um ruído estranho, lá atrás, como um assóvio forte que fosse diminuindo. Imagino logo um disco-voador baixando. Bobagem! Estou imaginando coisas. Nem sei se eles realmente existem, embora tantos afirmem e digam que, bem, não importa, agora quero voltar a pensar no mar, seu verde e sua imensidão, sua brisa, quero pensar numa boa estória contada por Jack London, aquela, por exemplo, em que — outro ruído. Desta vez, um ruído metálico, estranho, um metálico esquisito, um metálico de disco-voador, nave espacial, coisas assim, como uma porta se abrindo lá atrás, no terreiro, perto do tanque. Nunca ouvi esse tipo de estalido. Os cachorros latem. Não sou um sujeito de coragem ilimitada, como quase todo mundo, mas curioso como um bom repórter. Estou atento como um radar. Se algum ruído estranho se repetir, vou lá dentro, passo pela copa, entro na cozinha, abro a porta, vou ver o que há. Quase todas as luzes da casa estão acesas. Medo, todo mundo tem um pouco, é claro! Quem não tem um pouco de medo? Mas

é melhor esquecer esse negócio de disco-voador e lembrar aquela aventura de mar que Jack London escreveu, aquela do — agora é a porta da cozinha, parece que alguém está tentando abri-la. Os cães latem com força, parecem lobos uivando. Sou um tanto calmo, ainda estou até escrevendo, mesmo com essa luz fraca (engraçado, não sei se é imaginação, mas houve um momento em que ela se apagou de repente, voltando logo — agora é que estou me lembrando). Essas praias tem areias radioativas! Continua o ruído na porta da cozinha. Vou lá dentro. Não tenho nenhuma arma. Sair correndo, não vou, e nem há luz na ruela. Também não vou ligar o carro e sair em disparada. Pânico não resolve. É ajuntar as reservas de calma e coragem. Que a curiosidade vença o medo. Ouço ruídos nos becos laterais também: são passos. Acho que sei o que significa tudo isso. Os passos nos becos se aproximam. Uma última coisa: caso alguém algum dia ler o que estou escrevendo, fique sabendo: se eu terminar contando a estória de mar de Jack London, tudo bem; se parar aqui, seres de outro planeta me raptaram e me levaram num disco-voador — agora vi — SIM, SÃO ELES!